

STROSS, Charles. Glasshouse. New York: Ace, 2006.

Priscilla Pellegrino de Oliveira¹

A comunidade experimental do futuro

O autor inglês Charles Stross, vencedor de prêmios como o Hugo Award (2005) e Prometheus Awards (2007), umas das mais conceituadas premiações sobre publicações de ficção científica, lançou em 2006 um romance intitulado *Glasshouse*, que em uma tradução literal para a língua portuguesa significa ‘estufa’. Porém, o título alude a outros conceitos conferidos ao termo, como prisão militar. Esta acepção está perfeitamente de acordo com o que se tem na história da obra, pois, ao participarem de um experimento, os personagens se veem presos em um ambiente isolado onde são monitorados pelas autoridades responsáveis pelo projeto.

A obra é uma continuação do romance *Accelerando*, do mesmo autor, lançado em 2005, embora possa ser lido como uma história independente. Ambos os livros estão incluídos no sub-gênero da ficção científica conhecido como *cyberpunk*, cujas histórias se passam no futuro e há uma grande utilização da tecnologia e da ciência.

A trama se passa no século XXVII, época em que a humanidade já viaja por toda a galáxia. Os séculos XX e XXI são conhecidos como Idade das Trevas, pois fazem parte de um período anterior à época em que a humanidade vivenciou uma série de guerras chamadas de Guerras de Censura. Assim, passaram a existir várias sociedades e sistemas governamentais em diferentes planetas, luas e asteróides interligados pelos portões-T, que servem para o teletransporte. Todo esse sistema é considerado uma grande rede conhecida como a República de Is, onde vive a pós-humanidade. As guerras duraram quase um século, período em que vírus virtuais foram espalhados através dos portões-A, apagando diversos dados históricos.

Os portões-A fazem uso de nanotecnologia para produzirem quaisquer objetos e substâncias, criando-os molécula por molécula. Esses portões também são utilizados para as

¹ Graduada em Letras pela UFJF e mestranda em Literaturas de Língua Inglesa na UERJ.

peessoas fazerem um *backup* de si mesmas, isto é, gravar suas memórias para recuperá-las mais tarde; redefinirem-se fisicamente; e ressuscitarem quando for o caso. Todas as pessoas possuem um *netlink*, ou seja, um artigo cibernético de conexão que os indivíduos usam para se comunicarem com a rede.

Durante toda a história, o leitor se depara com a presença de um vírus virtual (supostamente já erradicado) chamado de *Curious Yellow*, o qual possui grande poder de destruição e utilizava, durante as guerras citadas, os portões-A para infectar usuários e se propagar. O propósito do vírus era apagar a memória pessoal da vítima, principalmente a memória relacionada ao passado histórico da República de Is.

No primeiro capítulo, conhecemos o personagem principal, Robin, já adulto e com lapsos de memória, pois, no mundo em que vive, pode-se re-programar a mente das pessoas para que elas esqueçam o que interessa às autoridades. Além disso, as pessoas podem morrer e ter suas vidas de volta, assim como receber outros corpos, incluindo corpos do sexo oposto. Tais procedimentos levam-nos a concluir que a identidade humana passa a ser uma característica sutil e frágil, já que pode ser (re)construída o tempo todo. O indivíduo nunca sabe quem é verdadeiramente e o que fez no passado.

Dessa forma, a identidade de Robin é questionada por ele mesmo quando percebe que querem matá-lo definitivamente e ele não sabe o motivo. Essa ignorância do personagem quanto a um provável motivo para que ele seja morto se deve ao fato de ele não poder contar com sua memória. Tudo o que restou dela são flashes de sua participação na guerra, flashes que se manifestam durante o sono e que se tornarão cada vez mais claros após sua ida para uma comunidade experimental. Tal viagem representa sua fuga diante das perseguições pelas quais passa onde vive.

Assim, Robin vai para o sistema YFH, que propõe a seus participantes a aquisição de uma nova identidade para que não sejam reconhecidos e possam vivenciar a Idade das Trevas através de um ambiente recriado, inspirado entre os anos de 1950 e 2040. Mas o que Robin não esperava é que fosse transformado em uma mulher, Reeve.

A princípio, o projeto duraria alguns anos e os participantes deveriam se comportar como cidadãos comuns da época proposta, tais como casarem-se, trabalhar, terem filhos e

levarem uma vida social, integrando-se com os demais moradores da “cidade”. Assim, deparamo-nos com nossa própria sociedade, que é satirizada através desse experimento no romance. Vários assuntos são questionados à medida que os personagens vão vivenciando certas situações. Por exemplo, no início do projeto, as mulheres deveriam ser donas de casa enquanto os maridos iriam trabalhar. Reeve, já casada com Sam, sente-se entediada e incomodada com o ócio até que descobre que as mulheres poderiam trabalhar também. Mas, para isso, precisa de autorização superior. Após receber a autorização e a determinação de onde trabalharia, Reeve passa a trabalhar em uma biblioteca auxiliando Janis, que se torna sua amiga.

A partir desse ponto, Reeve passa a desconfiar que o projeto não é o que parecia. Ela desconfia de uma conspiração, apesar de não saber do que se trata. Porém, de algo ela passa a ter certeza, sua mente foi alterada, pois ela não é capaz de ouvir seu marido dizer as palavras “eu te amo”, além de experimentar ausências de memória com maior frequência.

Após vários acontecimentos suspeitos, Reeve decide escapar e convence seu marido a ajudá-la. Mais tarde, ela descobre também que Sam é, na verdade, Kay, namorada de Robin antes do experimento, o que a leva a uma sensação de alívio e cumplicidade.

Embora tenha planejado minuciosamente uma fuga do local, Reeve irá perceber que não será tão fácil escapar desse sistema e que foi envolvida em uma tentativa de reativar o vírus *Curious Yellow*.

Ao ler o romance de Stross, o leitor é levado ao encontro de uma realidade cibernética que, apesar de plausível, parece-lhe impossível. Entretanto, não é o questionamento da possibilidade da história que está em jogo, e sim a busca de um referencial metafórico em relação ao nosso próprio mundo. O escritor leva-nos a pensar sobre uma questão bastante pertinente: a relação entre o indivíduo e a sociedade. Quando os personagens do livro revivem o nosso momento histórico, indagamo-nos a respeito da relevância de certas regras sociais e da imposição de padrões de comportamento por aqueles que nos cercam: família, amigos, colegas de trabalho e autoridades.

Um outro fator importante focalizado por Stross na história é o fato de estarmos sendo tenuemente manipulados o tempo todo por sistemas governamentais ou não. Dessa maneira,

devemos nos perguntar até que ponto somos nós mesmos ou somos vítimas de forças superiores. O que nos parece certo após uma leitura tão intrigante é que o ser humano precisa sempre se reinventar e assumir várias características para sobreviver a uma sociedade tão diversa e impositiva como a nossa.